

EU TE SAÚDO FILHA DE LEDA! HELENA DE TRÓIA, A SACERDOTISA DE EURÍPEDES (412 a.C)

Marina Pereira Outeiro¹

RESUMO

O presente estudo pretende examinar os desdobramentos da personagem homérica Helena na tragédia de Eurípedes com o intuito de estabelecer um vínculo entre o *status* de rainha e a função de sacerdotisa. Buscamos compreender quais motivações levaram o dramaturgo a rediscutir as temáticas relativas à rainha de Esparta. Para tanto, além do exame da obra euripidiana e da bibliografia pertinente, contaremos com o respaldo teórico da Análise da Imagem, Arqueologia de Gênero e Análise do Conteúdo.

Palavras-chave: Helena - Eurípedes - tragédia - sacerdotisa

ABSTRACT

This article intend to examine the ramifications of the Homeric character Helen of Troy in the tragedy of Euripedes with the intuit of establishing a link between the *status* of queen and the function of priestess. We seek to comprehend the motivations that led the playwright to rediscuss the thematic relative to the queen of Sparta. To do so, besides the analysis of the euripidian work and the relevant bibliography, we will be theoretical supported with the Image Analysis, the Gender Archeology and the Content Analysis.

Keywords: Helen – Euripedes – tragedy - priestess

¹ Mestranda do PPG-História da UFRGS e bolsista da CAPES. Este artigo é resultado do projeto de pesquisa “Eu te saúdo filha de Leda! Helena de Tróia, a sacerdotisa de Eurípedes (408-420 a.C)” realizado sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Regina Candido da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), concluído em março de 2013.

INTRODUÇÃO

A *Ilíada* de Homero, o poema do homem na guerra² relata os ocorridos durante o penúltimo ano do conflito entre gregos e troianos, canta a cólera de Aquiles o herói aqueu que se sente ultrajado pelo chefe da expedição, Agamêmnon. A ofensiva grega contra a Ilíon de Príamo foi consequência do rapto de Helena rainha de Esparta, por Páris-Alexandre um dos filhos do rei troiano. Ao decorrer da epopéia, o *aedo* logo justifica a razão do conflito, na passagem em que descreve o impacto causado pela beleza de Helena nos anciões troianos³.

Porém, mesmo passados mais de três mil anos, Helena venceu os limites do tempo e da geografia, exercendo fascínio e mistério sobre o imaginário da cultura ocidental: seu nome permanece capaz de evocar beleza, feminilidade e sedução, mas também traição, guerra e morte.

Apenas para referir a um dos exemplos da permanência de Helena na cultura atual, citaremos o caso do tele-dramaturgo Manoel Carlos Gonçalves de Almeida e o recorrente uso do nome da rainha de Esparta para suas heroínas e, quando indagado pela preferência, ele admite estar se reportando a personagem da mitologia grega, Helena de Tróia, a mulher "mais bela do mundo", que teria desencadeado a guerra de Tróia⁴. As "Helenas de Manoel Carlos" reiteram como Helena de Tróia ainda é capaz de inspirar os homens, uma vez que, mais do que associado à beleza seu nome também

²BONNARD, Andre. **Civilização grega: da Ilíada ao Partenon**. Lisboa: Estúdios Cor.

³"Ao ver Helena, ao topo dirigir seus passos, uns aos outros disseram palavras aladas: 'Ninguém de nós se indigne que Tróicos e Dânaos, belas-cnêmides, tantos (tanto tempo!) males sofram por uma tal mulher! Diva imortal assemelha, terrível de beleza! Volte, não obstante, aos seus, poupando-nos da ruína!'" (Op. cit., 2001: 127)

⁴ Em setembro de 2009, programa nacional de variedades *Fantástico*, realizou uma matéria na qual entrevistava a mais recente atriz escalada para viver a "Helena de Manoel Carlos", além de reunir as atrizes que já interpretaram a mesma personagem. Segundo a atriz Regina Duarte, as Helenas transgridem e a também atriz Cristiane Torloni, afirma que as mesmas querem superar suas vidas e que seguem a moralidade do amor. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=SmkjAEsrEGQ>, acessado em 23/07/2012.

remete a força, intrepidez e ainda, transgressão: após milênios, Helena, em suas múltiplas releituras, continua entre nós.

A narrativa de Helena é perpassada, em grande medida, pelos caminhos que esta singular aristocrática percorreu: do Peloponeso, através do Egeu até a Anatólia, para então retornar a Hélade. Entretanto em sua longa jornada, duas regiões se destacam no sentido de lhe serem indissociáveis: uma situada na Grécia, no coração do Peloponeso abrigava a milenar cidade de Esparta e outra, localizada nas esquecidas planície de Hissarlik na Turquia onde existiriam as ciclópicas muralhas de Tróia, faz de Helena uma mulher dividida entre o Oriente e o Ocidente.

A cidade de Atenas do século V a.C, seguramente sediou acalorados debates sobre a natureza e conduta da filha de Zeus: e foi sem dúvida nos palcos do teatro que suas questões foram profundamente debatidas diante do olhar atento da audiência ateniense.

A rainha de Esparta figurou como temática constante no mundo antigo: entre Homero e Eurípedes, há Hesíodo, Safo, Zeuxis, Platão, Aristóteles, Ésquilo e Górgias na longa lista de interessados por ela. Porém foi através das peças de Eurípedes, o poeta do Iluminismo grego⁵ que Helena readquiriu voz para narrar sua própria história, expondo sua defesa ora de maneira terna e suplicante, ora em tom altivo e insolente. Considerado o psicólogo da Hélade⁶, Eurípedes refletiu sobre a filha de Leda em quatro de suas obras: *Andrômaca*, *As Troianas*, *Helena* e *Orestes*, também fazendo referência a Tindarida na tragédia *Ifigênia em Áulis* e na comédia satírica *O Ciclope*. É difícil não pensar que o dramaturgo de Salamina, estivesse convidado o expectador ateniense a repensar a questão de Helena.

Eurípides foi um homem profundamente influenciado pelas transformações vivenciadas na sociedade *políade* ateniense e sua produção teatral foram perpassadas

⁵JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1995 (p.386)

⁶MCDONALD, Marianne. **The Living Art of Greek Tragedy**. Bloomington: Indiana University Press, 2003 (p.118)

pelas questões que mais o inquietavam; por isso assumimos que ao retomar Helena, o poeta procurava não somente empreender uma nova discussão sobre a filha de Leda, mas valia-se de sua figura para colocar em debate a emergência de um novo tipo social feminino em Atenas, resultado das transformações do vivenciadas no período. Quem seria essa mulher? Por que contrapô-la justamente a Helena? Quais seriam as motivações do poeta de Salamina para debater essa “nova mulher” no teatro trágico? Afinal, o que Eurípedes intencionava passar para ao público ateniense?

No intuito de trazer respostas a tais questionamentos, é que propomo-nos construir uma análise a partir do personagem Helena, e sua presença no teatro ático através da dramaturgia euripidiana.

1) “HELENA É MEU NOME”⁷

Homero revela-nos, já nos primeiros cantos da *Iliada* que Helena é esposa de Menelau e filha de Zeus⁸; contudo é através de Eurípedes que obtemos mais detalhes sobre suas origens quando a própria Helena toma a palavra, falando a respeito de sua cidade natal e origens⁹. Devido à centralidade que Helena ocupa, sobretudo na referida epopéia, a rainha de Esparta conquistou uma posição cativa na tradição helênica.

Conforme Bettany Hughes¹⁰ a filha de Leda marcou presença durante Antiguidade, e mesmo depois, permaneceu objeto de deleite ao longo dos séculos¹¹. A autora também sustenta que Helena foi temática recorrente na Europa Moderna: no século XVII, era usual encomendar-se a artistas plásticos a decoração do interior de prédios públicos e privados com representações do rapto da rainha espartana; entre

⁷EURÍPEDES. **Helena**. Porto Alegre: Movimento, 2009. (p.15)

⁸No Canto III, respectivamente, os versos 135 e 195,

⁹“Quanto a mim, a minha terra pátria não é desconhecida, Esparta e o meu pai Tíndaro. Mas conta uma tradição que Zeus voou para a minha mãe Leda, sob a forma de ave, um cisne. Este, por meio de dolo obteve os seus favores: fugir a perseguição de uma águia se é verdadeira a história” (Op.cit., 2009:15)

¹⁰HUGHES, Bettany. **Helena de Tróia - Deusa, Princesa e Prostituta**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

¹¹“No mundo antigo e medieval, escribas copiaram cuidadosamente a história de Helena em papíros, e tão logo Caxton levou a imprensa a Westminster, em 1476, a narrativa passou a ser produzida em massa, e foi à base do *Rescuell of the Historyes of Troy* (Coleção das histórias de Tróia), o primeiro livro a ser impresso em língua inglesa.” (Op.cit., 2009:48)

finais do século XVIII e inícios do século XIX, entre detratores e admiradores, foi sinônimo de termos pejorativos com Friedrich Schiller e assunto da opereta de Offenback, *La Belle Hélène*¹².

Inúmeras telas a óleo do século XIX retrataram-na de forma encantadora, tal como Evelyn De Morgan¹³, que imaginou uma Helena loura em um *quitón* rosa perdida em sua imagem refletida no espelho, ou Jacques-Louis David, com sua a romântica representação do momento em que a filha de Leda, com um tímido olhar aquiesce à sedução Páris-Alexandre e sua lira¹⁴.

A rainha de Esparta é ainda objeto de estudo nas diversas ramificações das Ciências Humanas, tal como atestam os trabalhos de Robert E. Meagher, autor do livro *The Meaning of Helen: In Search of an Ancient Icon*¹⁵, a obra *Helen of Troy and Her Shameless Phantom*¹⁶ do britânico Norman Austin, os estudos de Lowell Edmunds intitulado *Helen's Divine Origins*¹⁷, assim como Robert E. Bell *Women of Classical Mythology: A Biographical Dictionary*¹⁸, as investigações de Margalit Finkelberg em *Greeks and Pre-Greeks: Aegean Prehistory and Greek Heroic Tradition*¹⁹, e ao nível de produção nacional a tese de doutoramento da professora Paulina Terra Nolibos *Eros e Bias entre Helena e Cassandra: Gênero, Sexualidade e Matrimônio no Imaginário Clássico Ateniense*²⁰.

¹² Op. Cit, 1995: 51

¹³ **Helena de Tróia.** Óleo sobre tela, 1898. Evelyn De Morgan (Centro De Morgan, Londres/Biblioteca de Arte Bridgeman, Londres. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Helena_\(mitologia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Helena_(mitologia)))

¹⁴ **O amor de Helena e Paris.** Óleo sobre tela, 1788. Jacques-Louis David. (Museu do Louvre, Paris/Departamento de Pinturas). Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Helena_\(mitologia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Helena_(mitologia)))

¹⁵ MEAGHER, Robert E. **The Meaning of Helen: In Search of an Ancient Icon.** Wauconda: Bolchazy-Carducci Publishers, 1995

¹⁶ AUSTIN, Norman. **Helen of Troy and Her Shameless Phantom - Myth and Poetics.** Ithaca: Cornell University Press, 2008

¹⁷ EDMUNDS. Lowell. **Helen's Divine Origins.** Electronic Antiquity: Communicating the Classics - Virginia Polytechnic Institute and State University, 2007.

¹⁸ BELL, Robert E. **Women of classical mythology: a biographical dictionary.** Michigan: ABC-CLIO, 1991.

¹⁹ FINKELBERG, Margalit. **Greeks and Pre-Greeks: Aegean Prehistory and Greek Heroic Tradition.** Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

²⁰ NÓLIBOS, Paulina Terra. **Eros e Bía entre Helena e Cassandra: gênero, sexualidade e matrimônio no imaginário clássico ateniense.** Porto Alegre: UFRGS, 2006.

Grande parte de nosso interesse pela Tindarida, é devido tanto à ambigüidade de sua natureza, quanto sua capacidade mover-se em um mundo masculino: intrigamos pensar nos motivos que poderiam justificar a presença de Helena na narrativa grega quando recordamos Tucídides²¹, para quem a melhor das mulheres era aquela de quem as pessoas menos falam, quer digam mal quer digam bem. Acrescentado a isto, está o fascínio exercido sobre nós pela sociedade políade ateniense do século V a.C, que vivenciou a experiência democrática, a ascensão da sofística, o surgimento do direto e o esplendor estético do teatro. Tais premissas justificam a escolha do título, extraído de um diálogo entre Helena e Menelau na tragédia euripidiana Helena.

Os estudiosos da rainha de Esparta se preocupam em averiguar aquilo que a tradição legou como fatos de sua vida, em que pese às circunstâncias de sua concepção e filiação: seja a tradição euripidiana do artil de Zeus, transformado em cisne para violar Leda rainha de Esparta (BELL: 1991; MEAGHER: 1995 e NÓBILOS: 2006) ou a que conta como Nêmesis, filha da Noite, fugindo da perseguição de Zeus percorreu o mundo tomando diferentes formas até se metamorfosear em gansa quando deus se transformou em cisne se unindo a ela (MEAGHER: 1995; NÓBILOS: 2006; EDMUNDS: 2007 e AUSTIN: 2008).

Igualmente se indagaram sobre suas núpcias, especialmente ao que pertence a escolha de seu marido – alguns sustentam que a própria Helena teria escolhido Menelau (EURIPEDES: 2004; NÓBILOS: 2006) e outros afirmam que tal escolha coube a Tíndaro (BELL: 1991; FINKELBERG, 2005).

A existência de cultos a Helena na Grécia também foi objeto de interesse (BELL: 1991; MEAGHER: 1995; NÓBILOS: 2006; EDMUNDS: 2007 e AUSTIN: 2008), sem esquecer Páris e a notória discussão sobre o rapto forçado ou um fuga voluntária (BELL: 1991; MEAGHER: 1995; EDMUNDS: 2007; NÓBILOS: 2006 e AUSTIN: 2008).

²¹PATEL, Pauline Schmitt. Introdução: Um fio de Ariadne. *IN* DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente: a antiguidade**. Porto: Afrontamento, 1990 (p. 19)

De nossa parte, atribuímos a Helena uma condição adicional: sacerdotisa e concessora de realza. Claude Mossé²² afirma que a rainha de Esparta era capaz de unir beleza e conhecimento das práticas mágicas e, tanto na *Ilíada* quanto na *Odisséia* as suas conexões com divino são recorrentes.

Na primeira de suas epopéias o *aedo* revela a ascendência divina da rainha argiva que teria sido gerada por Zeus - fato que por si só já resulta em uma conexão com o sagrado. Na *Ilíada*, Helena e Afrodite demonstram estar relacionadas pelos laços da *philia*, embora esse sentimento não impeça a rainha argiva de responder rispidamente a deusa da beleza²³.

Qual mortal teria a ousadia de contrariar Afrodite, quando mesmo os imortais temiam seus humores e castigos? Se a atitude impetuosa de Helena não basta para comprovar suas conexões com o divino, novamente podemos recorrer a Homero²⁴.

O poeta canta sobre as habilidades incomuns da filha de Zeus que durante o banquete oferecido a Telêmaco e Pisístrato ao perceber a tristeza que ameaçava abater-se sobre os homens, adicionou ervas secretas ao vinho²⁵. Helena surpreender-nos novamente com seus conhecimentos sobre o oculto quando diante da incapacidade do marido Menelau em interpretar um prodígio ocorrido no exato momento em que o filho de Odisseu preparava-se para partir de Esparta, toma a palavra e revela a sua interpretação²⁶.

²²MOSSÉ. Claude. *La mujer em la Grécia clásica*. Madrid:Editorial Nerea, 1990, (p.31)

²³ "Ó demoníaca, por que esse teu desejo de enganar-me tanto? Logo me levarás a Frígia ou a Meônia, onde se encontre um ser falante a ti diletto. Visto que Menelau venceu Páris divino e quer agora, em prêmio, esta que lhe era odiosa reaver, tu vens com tramas pérfido-ardilosas? Vai, senta-te ao pé dele. No Olímpio não mais volte a pisar. Junto dele fica a pena; busca retê-lo até que ele te faça esposa ou escrava, talvez. Eu, por meu lado, não irei até ele (vexame!) partilhar de seu leito. As Troianas me reprovariam uníssonas. Já tenho magoa em demasia!" (Op.cit., 2003: 143)

²⁴HOMERO. *Odisséia*. Nova Cultural: São Paulo, 2003.

²⁵"Nesse momento, Helena, filha de Zeus, concebeu um novo plano. No vinho da cratera, donde bebiam, lançou de súbito uma droga, um calmante da dor e do ressentimento, que fazia esquecer todos os males. Bastaria que alguém tragasse para que, em todo o dia, as lágrimas lhe não corressem pelas faces, nem mesmo que morresse sua mãe e se pai, em sua presença, nem diante dos olhos, seu irmão e filho fossem mortos com o bronze" (Op.cit., 2003:57)

²⁶"Mas Helena, de longo véu, antecipou-se e disse: 'Escutai-me! Vou anunciar-vos a predição, que os

Helena possui conhecimentos que lhe permitem acessar as esferas do divino e manipular a natureza a favor do bem coletivo, tal qual uma sacerdotisa iniciada. Sua condição de sacerdotisa implicaria na concessão de poderes terrenos?

Sarah Pomeroy²⁷ sinaliza para a presença de enlacedos matrimônios na sociedade grega heróica, de caráter matrifocal, nos quais um cavaleiro andante se casava com uma princesa local e se estabelecia em seus domínios²⁸. Finkelberg igualmente assume que a sucessão real grega – pautada pelas genealogias sucessórias das rainhas, está diretamente ligada ao estatuto do sacerdócio das mesmas, consideradas as representantes da deusa da terra²⁹.

Nicole Loraux³⁰ ensina que a importância do culto a Deusa-Mãe, cujos atributos estavam associados à fertilidade do solo, mulheres e animais, foi altamente disseminada na Grécia e nos arredores do mundo mediterrâneo³¹. Na dimensão do religioso a presença feminina não pode ser ignorada por completo: como ensina Louise Zaidman³² o universo do sagrado exige sua presença, por quanto só elas possuem

imortais inspiraram em meu coração e que, tenho certeza se cumprirá. Esta águia, que arrebatou o ganso, criado em nossa casa, veio dos montes, onde nasceu e tem filhos; do mesmo modo, Ulisses, após inúmeros trabalhos, após haver peregrinado por tantas terras, há de voltar a sua casa e vingar-se. Quem sabe se já lá está, planejando o extermínio dos pretendentes.” (Op.cit., 2003:57)

²⁷POMEROY, Sarah B. **Diosas, Rameras, Esposas y Esclavas: Mujeres em la Antigüedad Clásica**. Madrid: Ediciones Akal, 1999.

²⁸“Por exemplo, o matrimônio de Menelau e Helena, foi matrilinear e matrilocal. Posto que Menelau aparece em Homero como louro, é evidente que procedia do Norte, enquanto que Helena era filha de Tíndaro, o rei de Esparta.[...] Posto que Menelau era rei em virtude de sua situação de marido de Helena, podia perder seu trono se a perdesse.” (Op. cit., 1999:35)

²⁹“A Deusa foi o centro do culto, onde ela foi representada por sua sacerdotisa, enquanto seu consorte masculino teve sua contraparte humana na figura do ‘rei-sacerdote’. O rei, portanto, devia sua posição real por ser consorte da divina encarnação humana da Deusa, um papel que ele poderia jogar apenas em virtude de seu casamento com sua sacerdotisa”. (Op.cit., 2005:88)

³⁰LORAU, Nicole. O que é uma deusa? IN: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente: a antiguidade**. Porto: Afrontamento, 1990.

³¹“Em primeiro lugar, é preciso não esquecer que a mãe existe. Os Gregos veneram-na, como atesta o arqueólogo Pausânias, no século II da nossa era, numa época sem dúvida tardia, mas bem distante do Neolítico. [...] A Mãe: com letra maiúscula ou qualificada como “Grande”, tanto em Esparta como em Licosura da Arcádia [...] venerada como Mãe dos deuses em Atenas, em Corinto, por todo o Peloponeso (na Lacônia e na Messênia, em Olímpia e em Megalópolis, exactamente como na Arcádia)”. (Op.cit., 1990: 50-51)

³²ZAIDMAN, Louise Bruit. As filhas de Pandora. Mulheres e rituais nas cidades. IN: DUBY, Georges;

certas chaves que comandam a renovação e perpetuação da vida³³ – nesse sentido, o papel da sacerdotisa como intermediária entre o mundo dos homens e dos deuses é imprescindível para o bem estar da comunidade.

A obra de Ruth Falcó Martí intitulada *La Arqueologia del Género*³⁴ consiste em um estudo voltado para a citada disciplina³⁵, enfatizando os preceitos da vertente espanhola desponta como uma corrente critica que propõe um olhar novo e diferenciado sobre o passado, caracterizada por abarcar um conjunto distinto de concepções teóricas e metodológicas, que busca realizar uma leitura crítica deste passado considerando a complexidade das Identidades de Gênero³⁶, suas formas de interação com as demais categorias identitárias, tendo presente seu caráter eminentemente histórico e cultural.

Esta vertente da História de Gênero privilegia o espaço doméstico de atuação tanto feminina quanto masculina – tal esfera é um espaço aonde o poder também é exercido, na qual mulheres e homens são equivalentes mesmo diante da divisão de tarefas, a dizer, as mulheres cabem as atividades de manutenção (como o cuidado com

PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente: a antiguidade**. Porto: Afrontamento, 1990.

³³“Os deuses falam as mulheres e contam com o seu serviço. Haverá, portanto que entreabrir-lhes a porta, para que cumpram os rituais que os exigem, sob a suprema vigilância dos homens, que espreitam à porta dos santuários por não poderem penetrar no seu interior. A história de Bato, rei de Cirene, que quis forçar o segredo dos mistérios de Demeter Tesmófora e pagou essa transgressão com a sua virilidade [...]” (Op.cit., 1990:462)

³⁴MARTÍ, Ruth Falcó. **La Arqueologia Del Género: Espacio de mujeres, mujeres con espacio**. Alacant: Espagrac, 2000.

³⁵Uma nova forma de buscar o lugar ocupado por mulheres e homens, o encontramos na Arqueologia do Gênero. Esta inovadora pratica arqueológica, pretende encontrar as funções de mulheres e homens, assim como seus espaços em nosso passado, através do estudo da cultura material do ser humano. No âmbito da Arqueologia, o gênero deve ser considerado como uma relação social que forma parte e constitui o conjunto do resto das relações sociais e atividades que formam a sociedade em geral. (Op.cit., 2000:142)

³⁶“Por muitas gerações, em nossa cultura ocidental, homens e mulheres tiveram posições diferentes que marcaram uma divisão de funções dentro da sociedade. Esta divisão até o início da Modernidade era essencialmente binária e em função do sexo, com a qual se conseguiu reproduzir em homens e mulheres um modelo internacionalmente reconhecido de valores, comportamentos crenças e diferentes para cada sexo, ao que se chamou de ‘identidade de gênero’”. (Op.cit., 2000:60)

a casa e as atividades religiosas) e aos homens competem também atividades de manutenção ligadas à defesa do espaço e indivíduos que nele habitem.

Embora comprometida em estudar as relações entre os gêneros, por certo a Arqueologia de Gêneros por vez pende para as questões femininas³⁷, como por exemplo, o notado interesse pela análise do contexto social doméstico e religioso, pela forma como tal espaço é socialmente construído, as abordagens críticas à iconografia, a visibilidade e materialidade do papel da mulher no passado, as formas através das quais as relações sociais são construídas e mesmo as questões pertinentes ao espaço público e privado.

Mesmo que por vezes privilegiando um viés feminino, a Arqueologia de Gênero refuta qualquer tipo de separação entre gênero masculino e feminino, pois ambos compõem o conjunto de relações sociais – base fundamental dos estudos de gênero através da Arqueologia.

Porém, atendendo as necessidades próprias deste estudo, nos centraremos no estudo da mulher desde o ponto de vista arqueológico³⁸ pois utilizaremos a cultura material, o que igualmente implicará na seleção de determinado número de conceitos teóricos norteadores.

2) AS FUNÇÕES RELIGIOSAS DA RAINHA

Nesta investigação ressaltamos tanto a condição de rainha como a função social de sacerdotisa de Helena, na qual iremos considerar tanto o contexto doméstico da realeza palaciana com o espaço de atuação da sacerdotisa, uma vez que tal binômio é responsável por ratificar o poder real masculino de Menelau. Passemos a análise do contexto social doméstico e do religioso.

³⁷ Ruth Martí sustenta que a atenção dos estudos arqueológicos, até finais do século passado se inclinava pelo homem, permanecendo a mulher nas sombras, e que por isso é lógico que muitas investigações de gênero desde a perspectiva arqueológica intentem unicamente resgatar o papel da mulher das ditas sombras, deixando o homem obsoleto. (2000: 143)

³⁸ Op.cit., 2000: 144

É por todos conhecida a tradicional teoria social que separa as esferas públicas e privadas, relegando tais espaços a, respectivamente, homens e mulheres além de estabelecer uma relação de preponderância do primeiro em detrimento do segundo. São oportunos os questionamentos feitos por Margareth Rago sobre por que se privilegiam os acontecimentos da esfera pública e não os constitutivos de uma história da vida privada, ou mesmo, por que se despreza a cozinha em relação à sala, e a casa em relação à rua?³⁹

A teoria tradicional ao analisar, sobretudo as sociedades pré-históricas e antigas, igualmente associou o mundo privado ao domínio doméstico cujo amálgama se encontra materializado através do espaço da casa - o lugar onde as mulheres desenvolvem suas atividades, e uma vez que tais esferas acabaram por coincidir entre si, o meio privado foi colocado em clara oposição ao público⁴⁰. Contudo, conforme ressalta Martí, muitos autores consideram inadequado associar a esfera doméstica ao privado, pois tanto o espaço público quanto o privado podem ser qualificados como doméstico⁴¹.

Nesse sentido, nem mesmo a mulher estaria circunscrita somente ao contexto doméstico, pois como afirma Claude Mossé⁴², embora a mulher ateniense de boa família ficasse em casa com suas criadas e apenas saísse para cumprir com seus deveres religiosos, a mulher do povo se via obrigada a sair de sua casa para ir ao mercado ou mesmo trabalhar⁴³.

No tocante ao conceito de espaço social religioso, são particularmente significativos os estudos da arqueóloga espanhola Lourdes Prados Torreira⁴⁴, que

³⁹RAGO, Margareth, Epistemologia Feminista, Gênero e História /IN PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (orgs.)- **MASCULINO, FEMININO, PLURAL**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998 (p.14)

⁴⁰Op.cit., (2000): 221

⁴¹Op.cit., (2000):222

⁴²MOSSÉ, Claude. **La mujer en la Grecia clásica**. Madrid: NEREA, 1990.

⁴³Op.cit.,1990:64

⁴⁴TORREIRA, Lourdes Prados. Mujer y espacio sagrado: Haciendo visibles a las mujeres en los lugares de culto de época ibérica. **Complutum**, 2007, vol. 18, p. 217-225, mai. 2007

procura estabelecer uma aproximação entre o espaço da mulher e o papel que esta poderia desempenhar em diferentes cerimônias religiosas. Através do exame de dados materiais fornecidos por um contexto social religioso específico (santuários), a autora verificou a presença feminina sob a forma de rituais e celebrações específicas de mulheres, a frequência de oferendas quase que exclusivamente femininas e mesmo a existência de sacerdócios ou cultos essencialmente femininos⁴⁵.

Os estudos de Torreira revelam que no contexto dos santuários a presença física da mulher na esfera religiosa é constante: seja de forma silenciosa de íntimas e silenciosas oferendas⁴⁶, através das práticas rituais⁴⁷ ou nas deusas que hierofanizam mulheres em ações e atributos⁴⁸.

No espaço social religioso de uma sociedade como grega, quando estudamos o conjunto de circunstâncias e fatos interrelacionados que envolvem este evento em particular, percebemos que os deuses estão intimamente ligados a vida das cidades e aos homens que nela habitam, e conforme assevera Louise Bruit Zaidman⁴⁹, qualquer análise sobre o lugar das mulheres nos rituais desta sociedade masculina é também uma abordagem sobre seu complexo estatuto, tanto na cidade quanto no imaginário⁵⁰. E no caso da específico da sociedade ateniense, consideramos notável o número de eventos cívico-religiosos em que a presença feminina domina a cena: desde a tenra

⁴⁵ Op.cit., 2007:219

⁴⁶ A autora atenta para a presença de oferendas representando seios, vaginas e úteros, e assume que tais representações são manifestações matéricas de súplicas pela realização de desejos relacionados ao universo feminino tais como uma boa lactância, futura maternidade, e gestações saudáveis. (p.221)

⁴⁷ No santuário de La Serreta de Alcoy, uma deusa amamenta duas crianças e em um monumento funerário conhecido como *Pozo Moro*, uma deusa é representada em meio a um conúbio amoroso com um mortal. (p.219-220)

⁴⁸ Presença de personagens femininos com funções sacerdotais na chamada tumba 155 de Baza. (p.222)

⁴⁹ ZAIDMAN, Louise Bruit. As filhas de Pandora. Mulheres e rituais nas cidades /N: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente: a antiguidade**. Porto: Afrontamento, 1990. (p. 411-463)

⁵⁰ Op.cit., 1990: 411

infância até a maturidade da vida as mulheres participam proficuamente da vida religiosa da *pólis* dos atenienses⁵¹.

Ao nos debruçarmos sobre a análise crítica da iconografia, cumpre ressaltar que dentro do vasto campo do estudo descritivo das imagens (fotos, desenhos, pinturas etc.) associadas a um tema, obra ou época, nosso foco de atenção serão os vasos cerâmicos pintados. Nesse sentido, concordamos com o argumento de François Lissarrague⁵² de que os vasos gregos, por seu número e riqueza, constituem uma classe a parte⁵³. Também consideramos igualmente pertinente a posição de Martí sobre a natureza e relevância das representações iconográficas⁵⁴ para os estudos arqueológicos de gênero.

Para empreendermos uma reflexão crítica a cerca dos registros iconográficos, precisamos ter em mente o universo proeminentemente masculino em que estes objetos são produzidos, e que acima de tudo, encontraremos nestes vasos uma visão masculina⁵⁵. No presente estudo, utilizaremos as imagens representadas nos vasos cerâmicos gregos para fundamentar nossa hipótese de um possível sacerdócio de

⁵¹“Nos cerca de trinta festivais celebrados todos os anos e dos quais muitos duram dois ou três dias seguidos, quase metade implica uma participação activa de uma parte da população feminina de Atenas. De uma forma ou outra, a cidade associa sucessivamente às suas celebrações os diferentes estatutos femininos: rapariguinhas e jovens nas Arrefórias, depois nas Plintérias e, como canéforas, em volta de Atenas; mulheres casadas nos Haloos e nas Tesmofórias de Deméter; mulheres na idade canônica em torno da rainha nas Antestérias, às quais preside Dioniso. O ponto culminante é constituído pelas Pan-Ateneias, onde se encontram todas as idades e estatutos na grande celebração anual e, sobretudo quadrienal de Atenas por ela própria.” (Op.cit., 1990: 414)

⁵²LISSARRAGUE, François. A figuração das mulheres *IN*: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente: a antiguidade**. Porto: Afrontamento, 1990. (p. 203-271)

⁵³Op.cit., 1990: 203

⁵⁴De acordo com a arqueóloga, os sistemas iconográficos são construções metafóricas nas quais as imagens servem como meio de comunicação, contendo a informação que pode ser transmitida, e, portanto, implica necessariamente na existência de um transmissor e um receptor, isto é, quem transmite e para quem transmite. (Op.cit., 2000:165)

⁵⁵“[...] a sociedade ateniense é determinada pelos cidadãos, e que a ideologia dominante, a que orienta as escolhas dos pintores e a sua maneira de ver, num sistema pictual que concede um papel mínimo à iniciativa individual e àquilo a que chamaríamos inspiração, é acima de tudo masculina. As imagens que vamos examinar estão, portanto duplamente marcadas; não são uma transcrição objectiva, mas o fruto de um olhar que reconstitui o real, e esse olhar é um olhar masculino”. (Op.cit., 1990: 205-206)

Helena, procedendo com a seleção de cenas⁵⁶ que acreditamos serem capazes de ilustrar tal conjectura, uma vez que em nosso documento escrito (a tragédia *Helena*) tais atividades não são mencionadas.

Outro ponto relevante para nossa investigação é a necessidade de atribuir visibilidade e materialidade ao papel da mulher no passado; e para tanto direcionaremos nossa atenção a espaços de atuação específicos, como o palácio e o templo. Acreditamos que estes espaços (privados e públicos) são capazes de revelar a presença feminina, uma vez que a atuação das mesmas se encontra registrada pela cultura material remanescente⁵⁷.

É conveniente ressaltar que, a despeito das proporções físicas avantajadas do palácio esse não deixa de ser um *oikos*, e, consoante o entendimento de Claude Mossé⁵⁸, a rainha o governa enquanto gerência suas servas⁵⁹ e, no caso específico de Helena, a epopéia homérica⁶⁰ nos permite observá-la no exercício de tais funções, tanto na casa de Páris⁶¹ como na de Menelau⁶².

O templo também é um local que demanda a presença da rainha – e podemos recorrer novamente ao texto homérico para visualizá-la em ação: seguindo o conselho

⁵⁶Na base Beazley (<http://www.beazley.ox.ac.uk>) o termo de pesquisa “*Helen*” nos remete a cerca de cinquenta e cinco resultados. Para o presente estudo, limitaremos nossa análise em torno de dez imagens, referentes a cenas que representem o sacerdócio de Helena (anexo B).

⁵⁷Conforme atestam as investigações de Lourdes Torreira sobre os santuários e as reflexões de Ruth Martí sobre as atividades de manutenção.

⁵⁸MOSSÉ, Claude. **A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo** (séculos VIII-VI a.C.) [S.l.:s.n., 1980?]

⁵⁹“[...] É ela quem acolhe os visitantes, quem lhe manda preparar um banho relaxante e leitos para passarem a noite. É também ela que preside a preparação das refeições. Durante o resto do tempo, fia e tece rodeada pelas suas servas [...] Finalmente é a senhora que guarda a chave do tesouro, onde se acumulam as provisões alimentares, as reservas de metais preciosos e os belos tecidos oferecidos ao senhor -ou à senhora- pelos hóspedes de passagem, assim como o produto do saque de múltiplas expedições de pilhagem.” (p. 61)

⁶⁰CAMPOS, Haroldo de. **Ilíada de Homero**. São Paulo: Arx, 2003 e HOMERO. **Odisséia**. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

⁶¹Na *Ilíada*, (Livro III, v. 125, p. 125) Helena aparece bordando um manto, e em outra cena (Livro VI, v. 320-325, p. 251) está dirigindo as servas nos trabalhos domésticos.

⁶²Na *Odisséia* (Livro IV, v. 95-115, p. 45) cercada por suas servas que portam seus objetos pessoais de tecelagem, Helena trabalha a lã púrpura enquanto participa da reunião, sentada entre Menelau e Telêmaco.

de seu irmão Heleno, Heitor procura a rainha Hécuba para lhe pedir que convoque as matronas troianas para que juntas, no templo de Palas Atená, orem pela piedade da deusa em nome da cidade, esposas e filhos troianos⁶³. Novamente o entendimento de Claude Mossé nos parece apropriado, quando a helenista afirma que Hécuba, sendo a esposa do rei, tem poder para convocar as mulheres de Tróia, e será ela quem oferecerá a deusa um sacrifício para pedir a proteção da cidade, das mulheres e das crianças: estamos diante não somente diante da mulher do rei, mas da própria rainha⁶⁴.

É igualmente apropriado para nosso estudo tecer alguns comentários sobre o conceito de relações sociais sob a perspectiva de gênero, de modo a fugir da idéia tradicional de relações estabelecidas entre os gêneros, nas quais os homens figuram como agente dominante e a mulher como ente dominado. Portanto iremos privilegiar as contribuições de Joan Scott⁶⁵, pois a autora contempla as relações sociais do ponto de vista do gênero - entendido como um de seus elementos constitutivos⁶⁶.

Margalit Finkelberg⁶⁷ propôs um novo olhar sobre as relações sociais estabelecidas entre homens e mulheres no mundo antigo, explorando os papéis desempenhados pelo rei e rainha, sob o prisma dos dados lingüísticos e arqueológicos: enquanto o rei exercia funções de governante local⁶⁸ a rainha desempenhava funções de culto no papel de sacerdotisa da Deusa-Mãe garantido a fertilidade dos campos, animais e seres humanos. Tal relação se mostra benéfica para ambos, pois o homem

⁶³ Ilíada, Livro VI, v. 270-280, p. 249

⁶⁴ Op.cit., 1990:26

⁶⁵ SCOTT, Joan Wallach. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

⁶⁶ "[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único. Como elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos [...]" (Op.cit., 1995: 21)

⁶⁷ FINKELBERG, Margalit. **Greeks and Pre-Greeks: Aegean Prehistory and Greek Heroic Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

⁶⁸ Op.cit., 2005: 87

(então um estrangeiro de origens aristocráticas) se tornava rei através de sua união com a rainha e esta além de receber um marido era contemplada com um guerreiro que protegeria seus domínios contra invasores.

3) HELENA, A SACERDOTISA DE EURÍPEDES

Nossa documentação textual selecionada, a tragédia *Helena* de Eurípedes, será examinada através da prática metodológica conhecida como Análise de Discurso (GREIMAS: 1981) auxiliada ainda por subseqüentes expedientes metodológicos aprimorados pelo Núcleo de Estudos da Antiguidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (NEA/UERJ)⁶⁹.

Consideremos o seguinte quadro:

1. Processo de descrição do conteúdo

Autor/obra	Eurípides / <i>Helena</i> – Teria sido representada pela primeira vez em 412 a.C
Período/região	Século V a.C / Ática – <i>Polis</i> dos atenienses
Publico/privado	Público. Encenada durante as Grandes Dionisíacas, ou Dionisíacas Urbanas.
Manifestação Da língua	Grego ático do V século a.C

1.2. Análise do texto

Propriedades da Linguagem do texto	Linguagem culta, seguindo uma métrica poética.
Qualificação do texto	Discurso poético – Na forma de monólogos e diálogos teatrais (permeados pela lógica sofisticada) entre os personagens. De conteúdo pacifista, a obra critica a insensatez da guerra.
Comunicação do texto	A representação teatral do texto, em um evento cívico de expressão como as Grandes Dionisíacas, permitiu sua ampla circulação entre as várias camadas da sociedade ateniense.

⁶⁹Conforme a obra *Novas perspectivas sobre a aplicação metodológica em História Antiga* (CANDIDO... [et al.]: 2011, 13-24).

Processo de interação	A população da sociedade ateniense do V século: cidadãos, estrangeiros, escravos, homens e mulheres em geral, embora artistas e eruditos pudessem empreender um diálogo mais aprofundado com a obra.
Conceitos operacionais do texto	ἔρος – eros: amor πόλεμος – pólemos: guerra Θάνατος – thánatos: morte εἶδωλον – eidolon: fantasma Ἑλλήν – elléni: grego Βάρβαρος – barbaroi: bárbaro εἰρήνη – eirénee: paz
Monofonia/Polifonia:	<i>Ilíada</i> de Homero. <i>Helena</i> (e <i>Palinódia</i>) de Estesícoro. <i>Cantos Cíprios</i> de Stasinos de Cípris. <i>Histórias (Livro II)</i> de Heródoto.

1.3. Seleção do Conteúdo

Temas	Pertinência	Objetividade
Guerra	HELENA: Os desígnios de Zeus outra coisa determinaram com os seguintes males: trouxe a guerra à terra dos helenos e aos infortunados frígios, [...] E muitas vidas, por minha causa, junto do Escamandro, de suas correntes pereceram. (p. 16, v.35-55)	- Mesmo que justificada pela influência do divino, a guerra é vista como maléfica aos seres humanos. - Brandão destaca que o mito de Helena serviu como um mecanismo de punição divina, tal como Pandora. O autor ressalta ainda que Helena desponta como a encarnação de Nêmesis ⁷⁰ . - A presença da guerra na terra dos helenos é uma referência direta a guerra contra Esparta.
Fantasma/“Eidolon”	HELENA: Não fui para a terra troiana, era uma imagem minha. MENELAU: E quem	- Conforme Brandão, o “eídolon” está relacionado com a psiquê. Após a morte física a psiquê se torna um <i>eidolon</i> , um simulacro, um corpo

⁷⁰ BRANDÃO. Junito de Souza. *Helena, o eterno feminino*. Petrópolis: Vozes, 1989 *apud* CAMPOS. Carlos Eduardo da Costa. *Helena, o eterno feminino (Hélène, l'éternel féminin)*, Revista NEARCO, de nº05, semestre de 2010. (p. 4)

	fabrica corpos assim dotados de vida? HELENA: De Hera é esse duplo, para que Páris me não tomasse. (p. 42, v. 585-590)	insubstancial, os traços exatos do falecido⁷¹. - A permanência de Helena no Egito, e o envio de um simulacro seu para Ilíon em seu lugar, pelo qual os gregos e troianos lutaram durante dez anos, torna a guerra ainda mais absurda.
Paz	CORO: Insensatos de vós, quantos na guerra buscais glória, e nas lanças robustas, nelas julgando encontrar, em vossa ignorância, o remédio para os males mortais. Se e o combate sangrento a decidir, nunca a discórdia se ausentará das cidades dos homens. (p. 69, v. 1155)	- Eurípides exalta o fim das batalhas fraticidas que assolam a Hélade e que impedem a paz de estar entre os homens. - Sempre um fervoroso defensor da paz entre os gregos, ao longo dos anos testemunhou o cenário catastrófico da Guerra do Peloponeso, e tentava enfatizar o sofrimento por ela produzido⁷². -De acordo com Jones⁷³ Esparta e Atenas firmam um tratado de paz em 446, ou seja, após mais de trinta anos de conflito.
Grego/Bárbaro	MENELAU: És de raça grega ou és mulher indígena? HELENA: Sou grega. Mas também quero saber qual tua origem. (p. 40, v.560-565)	- A oposição entre helenos e bárbaros é constante ao longo da tragédia. -McDonald afirma que os gregos se sentiam superiores, pois diferente dos demais povos regidos por um único chefe de Estado, estes haviam expulsado todos os tiranos⁷⁴. -Eurípides não especifica os elementos que configuram a condição de heleno ou bárbaro.
Hospitalidade	MENELAU: Vá lá dentro anunciar-me aos teus senhores... VELHA: Ser-me-á amargo,	- Na Grécia, as relações de hospitalidade são fundamentais, estando diretamente relacionadas a Zeus.

⁷¹ _____, *Mitologia Grega: Vol. I*. Petrópolis: Vozes, 1986. (p. 145)

⁷² EURÍPEDES. *Tragedias: Alceste, Medea, Los Heraclidas, Hipólito, Andrômaca y Hécuba*. Madrid: Básica Greco, 2000 (p. 19)

⁷³ JONES, V. Peter. *O Mundo de Atenas: Uma introdução à cultura clássica ateniense*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (p.26)

⁷⁴ Op. cit., 2010:157

	penso, anunciar tuas palavras. MENELAU: Sou um estrangeiro náufrago que chega, a quem asilo é devido. (p.34, v. 445-450)	- Os não-civilizados seriam aqueles que ignoram os princípios da hospedagem, tal como o ciclope Polifermo, na <i>Odisséia</i> . - A falta de hospitalidade egípcia, reforça a idéia de povo bárbaro.
Phília	HELENA: Ó mais querido dos homens, Menelau! Longa foi a ausência, mas a alegria está de volta. Que felicidade, amigas, recuperar o meu marido e cingi-lo com amorosos braços, decorridos que são tantos sóis. (p. 44, v.625)	- Eurípides, através de Helena, euforiza a esposa a amorosa e devotada: a rainha argiva não lembra em nada a mulher infiel. Mossé afirma que o adultério da mulher era imperdoável diante da necessidade de filhos legítimos ⁷⁵ .
Honra familiar	HELENA: Concede-me esta graça e imita o caráter justo do teu pai; pois para os filhos a glória mais bela, quando renasce de pai honrado, reside em transmitir aos seus descendentes as mesmas qualidades. (p.61, v.940)	- Helena apela para a honra do falecido rei Proteu, reconhecida pelos próprios deuses. Sua filha, a sacerdotisa e profetisa, Teónoe deseja evitar uma injustiça e conservar a integridade do <i>guénos</i> , uma vez que a falha de um recai sobre todos ⁷⁶ .

Para tanto, é necessário principiar pelo processo de descrição de conteúdo, procedendo com a descrição do conteúdo presente no documento, ou seja, a obra trágica *Helena* composta pelo poeta Eurípedes e que teria sido representada pela primeira vez no ano de 412 do século V a.C, na região da Ática, especificamente na *pólis* dos atenienses. Além de a interpretação ter sido feita no idioma grego ático do

⁷⁵ Op.cit., 1990:22

⁷⁶ BRANDÃO. Junito de Sousa. **Teatro Grego**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. (p. 20)

respectivo período, ocorreu sob os auspícios das Grandes Dionisiacas, o que demonstra seu caráter eminentemente público.

A seguir, temos a etapa pertinente à análise do texto, através da qual podemos observar que se trata de uma produção que se utiliza da linguagem culta, seguindo uma métrica poética, o que qualifica o texto como um tipo de discurso poético - na forma de monólogos e diálogos teatrais (permeados pela lógica sofística), travados pelos personagens. É digno de nota o conteúdo pacifista que perpassa o drama, que critica a insensatez da guerra.

Os processos de comunicação do texto foram privilegiados por sua representação teatral em um evento cívico de notadas proporções como as Grandes Dionisiacas, fato que permitiu sua ampla circulação entre os vários segmentos da sociedade ateniense: cidadãos, estrangeiros, escravos, homens e mulheres compunham o público expectador da peça e se interavam de seu conteúdo textual, embora artistas e eruditos pudessem empreender um diálogo mais aprofundado com a obra.

É igualmente conveniente destacar os principais conceitos operacionais do texto, as noções que possibilitam o desenvolvimento e sentido da narrativa dramática euripidiana, juízos tais como amor (*eros*), guerra (*pólemos*), morte (*thánatos*), fantasma (*eidolon*), grego (*elléni*), bárbaro (*barbaroi*) e paz (*eirénee*).

O texto euripidiano também estabelece diálogos monofônicos e polifônicos com obras que antecessoras ou contemporâneas, tais como *Histórias (Livro II)* de Heródoto, o *Elogio a Helena* de Górgias Leontinos, obra homônima de Isócrates e a *Palinódia* de Estesícoro.

Por fim, empreendemos a seleção de conteúdo, sistema através do qual retiraremos alguns fragmentos do texto que serão correlacionados aos conceitos anteriormente citados: tal seleção nos permitirá visualizar a operacionalização dos

conceitos no decorrer da narrativa trágica bem como estabelecer um diálogo mais aprofundado com a mesma.

Diante de tal premissa, possuímos inclinação para acreditar que quando Eurípedes retoma o mito de Helena em sua obra – na qual exalta, sobretudo sua linhagem real e sua própria condição de rainha, através do não-dito, igualmente faz alusão a sua condição de sacerdotisa: na tragédia euripidiana, a Helena homérica volta a ser a rainha concessora do poder e a sacerdotisa responsável por manter a conexão entre o mundo dos homens com o mundo do sagrado.

Observemos o seguinte quadro analítico:

FIGURA N. 1 	
Referente	Localização: Toledo Museum of Art Inventário: CVA ,USA fasc. 17, p. 28, pl. 43. Procedência: Ática, Grécia. Função Social: Entretenimento e socialização.
Signo Plástico	Forma: Cratera em forma de sino invertido Estilo/Cor: Ático, com negra com figuras vermelhas Tamanho/Volume: H. 0.325 m., d. rim 0.375 m., w. with handles 0.39 m., d. foot 0.18 m.
Ancoragem	Não possui
Signo Figurativo	Lado A: Homem, mulher altar ornado com uma árvore jovem. Lado B: Jovem partindo.
Bibliografia: JOLY, Martine. Introdução à Análise da Imagem. Lisboa:Ed. 70, 2007 Imagem disponível em: http://www.perseus.tufts.edu/hopper/artifact?name=Toledo%201967.154&object=Vase	

Significantes icônicos.	Significados de primeiro nível.	Conotações de segundo nível (1)	Conotações de segundo nível (2)
Utensílio Cerâmico	Cratera	Recipiente para armazenamento de vinho	Utilizado em banquetes, simpósios.
Imagem com três figuras: um homem, uma mulher e um altar.	Cena de perseguição	Menelau perseguindo Helena após a tomada de Troia	Ele persegue Helena, para trazê-la de volta para seu reino, Esparta.
Figura do centro: Uma mulher em fuga	Mulher fugindo com os braços estendidos, em direção a um altar, usando um peplos e stephane – suas vestes e ornamentos indicam pertencimento à aristocracia.	Helena, rainha de Esparta, esposa de Menelau e sacerdotisa	Uma sacerdotisa que esta em fuga e busca proteção diante do altar.
Figura a esquerda: Uma estrutura de mármore entalhada enfeitada com uma árvore jovem.	Um altar elevado	Altar identificado como <i>bomos</i> enfeitado com um plátano – planta associada ao culto de Helena.	O altar reforça a idéia de que Helena, como sacerdotisa, pois ela busca refúgio junto ao altar sagrado.
Figura a direita: Um homem com armadura de guerreiro, com elmo, espada e escudo circular.	Um homem, ornado como um guerreiro que aparenta pertence à aristocracia, em atitude de captura.	Menelau, rei de Esparta, buscando recuperar a esposa Helena em fuga.	Menelau, de origem estrangeira, só possui a condição de rei de Esparta, por estar casado com Helena – por isso ele precisa recuperá-la com vida.
Objeto longo e pontiagudo	Espada	A imagem aponta que a espada esta em posição de queda, sendo deixada por seu portador em direção ao chão	A espada jogada ao chão demonstra uma ação de não violência: Menelau larga a espada e corre em direção de Helena para recuperá-la.

Passemos a análise da cena em questão: a mulher em fuga do homem (significante) representada no vaso cerâmico indica uma cena de perseguição (significado): esta etapa configura um processo de significação de primeiro nível. O signo está completo, uma vez que podemos claramente identificar um significado associado a seu significante. Entretanto esta leitura desta imagem poderia ficar ainda mais completa, diante da possibilidade de uma segunda leitura.

Nesta diretriz o significante (mulher em fuga do homem) e o significado (perseguição), na proposta da retórica conotativa, se presta para ordenar a significação de segundo nível, dando origem a um significante de segundo nível (Helena em fuga de Menelau) e, por conseguinte, um significado de segundo nível satisfatório (uma

temerosa sacerdotisa em fuga de um guerreiro armado buscando refúgio de seu perseguidor diante de um altar sagrado, embora o guerreiro aparente desistir de uma ação violenta ao deixar cair sua espada).

Assim, entendemos ser plausível pensar em Helena com uma sacerdotisa que desfrutava de canais de comunicação privilegiados com o mundo dos deuses. Uma mulher de origens tão exaltadas quanto possível - filha de reis e fazedora de reis, uma rainha e sacerdotisa por direito que garante a continuidade da linhagem, dotada de uma beleza tão desconcertante que certamente só poderia ter associada ao divino.

A Helena de Eurípedes é uma metáfora da mulher ateniense aristocrática do século V a.C: é a filha ou esposa de cidadão ateniense cuja riqueza familiar provém de propriedades rurais situadas na *chôra*; mulheres provenientes de um segmento social aristocrático com valores ligados a terra, onde os esquemas culturais estavam ligados a vida no campo. Essas aristocratas eram educadas para administrar o *oikos* do marido, contraíam matrimônio no princípio da adolescência, relegadas ao espaço doméstico no qual se dedicam as tarefas de fiação e tecelagem, cuja função fundamental é a concepção de filhos legítimos (preferencialmente do sexo masculino). Sua presença no espaço público era permitida somente por ocasião de grandes festividades religiosas, como os cortejos das Pan-Ateneias, as grandes festas de Dioniso ou as procissões dos Mistérios de Elêusis⁷⁷ - nas quais ocupam destaque correspondente a sua condição social.

Esta é a mulher que Eurípedes enaltece em suas tragédias através da figura de Helena e que busca contrapor em relação às esposas e filhas dos cidadãos das classes emergentes da sociedade ateniense - artesões e comerciantes, homens que

⁷⁷ZAIDMAN, Louise Bruit. As filhas de Pandora. Mulheres e rituais nas cidades. IN: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente: a antiguidade**. Porto: Afrontamento, 1990 (p.412)

sobreviviam e até mesmo enriqueciam realizando atividades que não estavam ligadas à formação dos valores morais das famílias tradicionais dos *arístoi*⁷⁸.

Ao depreciar a filha ou esposa do artesão, do comerciante e do marinheiro, Eurípedes aristocrata de família enriquecida pelas atividades agrícolas, promovia ataques velados aos indivíduos destes segmentos emergentes, isto é, atenienses ricos e influentes habitantes da *ásty* que agora reivindicavam a extensão de valores de honra, verdade e coragem para si⁷⁹.

CONCLUSÃO

A “bela Helena” foi uma presença constante no mundo antigo e, particularmente na Grécia, a cidade de Atenas do século V a.C seguramente sediou acalorados debates sobre a natureza e conduta da filha de Zeus.

Considerado o psicólogo da Hélade, Eurípedes refletiu sobre a filha de Leda em quatro de suas obras: Andrômaca, As Troianas, Helena e Orestes, também fazendo referência a Tindarida na tragédia Ifigênia em Áulis e na comédia satírica O Ciclope. É difícil não pensar que o dramaturgo de Salamina, estivesse convidado o expectador ateniense a repensar a questão de Helena.

Os estudiosos da rainha de Esparta se preocupam em averiguar aquilo que a tradição legou como fatos de sua vida, em que pese às circunstâncias de sua concepção e filiação. De nossa parte, atribuímos a Helena uma condição adicional: sacerdotisa e concessora de realeza.

Margalit Finkelberg propôs um novo olhar sobre as relações sociais estabelecidas entre homens e mulheres no mundo antigo, explorando os papéis desempenhados pelo rei e rainha, sob o prisma dos dados lingüísticos e arqueológicos: enquanto o rei exercia funções de governante local, a rainha desempenhava funções

⁷⁸VIEIRA, Ana Livia Bomfim. “*Pólis, Phýsis e Chôra: o quinto século ateniense*” IN: THELM, Neyde. **Linguagens e Formas de Poder na Antiguidade** (org.). Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002 (p.177)

⁷⁹Op.cit., 2002:178

de culto no papel de sacerdotisa da Deusa-Mãe, garantido a fertilidade dos campos, animais e seres humanos.

Assim possuímos inclinação para acreditar que quando Eurípides retoma o mito de Helena em sua obra – na qual exalta, sobretudo sua linhagem real e sua própria condição de rainha, através do não-dito, igualmente faz referencia a sua condição de sacerdotisa: na tragédia euripidiana, a Helena homérica volta a ser a rainha concessora do poder e a sacerdotisa responsável por manter a conexão entre o mundo dos homens com o mundo do sagrado.

A Helena de Eurípides é uma metáfora da mulher ateniense aristocrática do século V a.C: é a filha ou esposa de cidadão ateniense cuja riqueza familiar provém de propriedades rurais situadas na *chôra*; mulheres provenientes de um segmento social aristocrático com valores ligados a terra, onde os esquemas culturais estavam ligados a vida no campo. Essas aristocratas eram educadas para administrar o *oikos* do marido, contraíam matrimônio no princípio da adolescência, relegadas ao espaço doméstico no qual se dedicam as tarefas de fiação e tecelagem, cuja função fundamental é a concepção de filhos legítimos (preferencialmente do sexo masculino). Sua presença no espaço público era permitida somente por ocasião de grandes festividades religiosas, como os cortejos das Pan-Ateneias, as grandes festas de Dioniso ou as procissões dos Mistérios de Elêusis - nas quais ocupam destaque correspondente a sua condição social.

BIBLIOGRAFIA

DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL

EURÍPEDES, **Helena**. Porto Alegre: Movimento, 2009.

CAMPOS, Haroldo de. **Ilíada de Homero**. São Paulo: Arx, 2003.

HOMERO. **Odisseia**. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN, Norman. **Helen of Troy and Her Shameless Phantom - Myth and Poetics**. Ithaca: Cornell University Press, 2008.
- BELL, Robert E. **Women of classical mythology: a biographical dictionary**. Michigan: ABC-CLIO, 1991.
- BONNARD, Andre. **Civilização grega: da Ilíada ao Partenon**. Lisboa: Estúdios Cor.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Helena, o eterno feminino**. Petrópolis: Vozes, 1989
- _____. **Mitologia Grega: Vol. I**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- _____. **Teatro Grego**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- CANDIDO, Maria Regina...[et al.] **Novas perspectivas sobre a aplicação metodológica em História Antiga** IN *A busca do Antigo*. (org.) Claudia Beltrão da Rosa... [et al.]. - Rio de Janeiro: Trarepa: Nau, 2011.
- EDMUNDS, Lowell. **Helen's Divine Origins**. Electronic Antiquity: Communicating the Classics - Virginia Polytechnic Institute and State University, 2007.
- FINKELBERG, Margalit. **Greeks and Pre-Greeks: Aegean Prehistory and Greek Heroic Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- HUGHES, Bettany. **Helena de Tróia - Deusa, Princesa e Prostituta**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- JOLY, Martine. **Introdução a Análise da Imagem**. Lisboa: Ed. 70, 2007.
- JONES, V. Peter. **O Mundo de Atenas: Uma introdução à cultura clássica ateniense**. São Paulo: Martins Fonte, 1997.
- LESSA, Fábio de Sousa. **O feminino em Atenas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- LISSARRAGUE, François. A figuração das mulheres. IN: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente: a antiguidade**. Porto: Afrontamento, 1990.

LORAU, Nicole. O que é uma deusa? *IN*: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente: a antiguidade**. Porto: Afrontamento, 1990.

MARTÍ, Ruth Falcó. **La Arqueologia Del Género: Espacio de mujeres, mujeres con espacio**. Alacant: Espagrafic, 2000.

MCDONALD, Marianne. **The Living Art of Greek Tragedy**. Bloomington: Indiana University Press, 2003.

MOSSÉ, Claude. **A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo (séculos VIII-VI a.C.)** [S.l.:s.n., 1980?]

_____. **La mujer en la Grecia clásica**. Madrid: NEREA, 1990.

NÓLIBOS, Paulina Terra. **Eros e Bía entre Helena e Cassandra: gênero, sexualidade e matrimônio no imaginário clássico ateniense**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

NUÑES, Carlinda Fragale Pate. Mito e Rito na Tragédia Grega. **NEARCO**. Rio de Janeiro, Número I, Ano II, p. 4-17, 2009. Disponível em:
www.nea.uerj.br/nearco/arquivos/numero3/artigo%201.pdf. Acesso em: 12 jun. 2012

PATEL, Pauline Schmitt. Introdução: Um fio de Ariadne. *IN* DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente: a antiguidade**. Porto: Afrontamento, 1990.

POMEROY, Sarah B. **Diosas, Rameras, Esposas y Esclavas: Mujeres em la Antigüedad Clásica**. Madrid: Ediciones Akal, 1999.

RAGO, Margareth. Epistemologia Feminista, Gênero e História. *IN* PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (orgs.) **MASCULINO, FEMININO, PLURAL**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

RAMOS, Severina Oliveira. O Teatro e o Feminino na Atenas Clássica. **Revista Gaia**, Rio de Janeiro, Número 1, Ano I, 2000. Disponível em:
www.gaialhia.kit.net/anteriores/severina2001.pdf. Acesso em: 08 jun. 2012.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em:

http://archive.org/details/scott_gender. Acesso em: 03 out. 2012

TORREIRA, Lourdes Prados. Mujer y espacio sagrado: Haciendo visibles a las mujeres en los lugares de culto de época ibérica. **Complutum**, Madrid, vol. 18, p. 217-225, mar. 2007. Disponível em:

<http://revistas.ucm.es/index.php/CMPL/article/view/CMPL0707110217A>. Acesso em: 03 dez.2012.

VIEIRA, Ana Livia Bomfim. *Pólis, Phýsis e Chôra*: o quinto século ateniense. *IN*: THELM, Neyde (org.) - **Linguagens e Formas de Poder na Antiguidade**. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.

ZAIDMAN, Louise Bruit. As filhas de Pandora. Mulheres e rituais nas cidades. *IN*: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente: a antiguidade**. Porto: Afrontamento, 1990.